

50 ANOS DE PESQUISAS SOBRE CIDADES MÉDIAS: ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. OSWALDO BUENO AMORIM FILHO¹

Wagner Batella

Doutor em Geografia

Professor no Programa de Pós-Graduação em Geografia da

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

wagner.batella@ufjf.br

Recebido: 05.12.2023

Aceito: 09.02.2024

Wagner: Obrigado pela gentileza de conversar comigo. Queria te pedir inicialmente para falar um pouco da sua atuação na temática das cidades médias e realizar uma síntese da sua tese de doutorado.

Oswaldo: Primeiramente quero falar do prazer de estar aqui com o Professor Wagner Batella, da Universidade Federal de Juiz de Fora, que foi um dos meus alunos e um daqueles que fizeram uma das carreiras mais importantes na academia brasileira. É uma alegria recebê-lo aqui na minha casa, nessa biblioteca que hoje é meu refúgio. Principalmente durante a pandemia, isso aqui foi o lugar onde eu mais vivi, até mais do que dentro da minha própria casa. Fico feliz por poder falar de uma coisa tão importante na minha vida, que é minha tese de doutorado, que foi defendida no dia 21 de dezembro de 1973, por uma especial gentileza do meu orientador, que estava de férias, e formou uma banca, também à banca toda, para trabalhar em um período em que os franceses não trabalham, né? Ele, aliás, estava nas Antilhas e veio para participar dessa banca. Portanto, no mês de dezembro desse ano, 2023, essa tese completará 50 anos, que é uma marca e tanto. Fico até um pouco assustado, pois isso me lembra duas coisas, uma o tempo que já passou da tese, e outra que estou começando a fazer parte de um grupo que meu espírito se recusa a fazer parte, que é dos idosos, mas não há como negar. Eu venho para falar um pouco de mim rapidamente, a maioria dos meu ex-alunos e alguns leitores e amigos que tenho pelo Brasil, sabem qual a minha origem, tenho uma origem rural. Apesar de ter nascido na cidade Formiga, eu nunca vivi lá, fui levado desde muito pequeno para o Alto Paranaíba, que é uma região agrícola, hoje muito importante, um dos celeiros da

¹ Entrevista realizada na biblioteca particular do Prof. Oswaldo Bueno Amorim Filho no dia 21 de julho de 2023. Transcrição da entrevista realizada por Camila Loise Ferreira, discente do curso de Geografia da UFJF.

agroindústria brasileira. Mas fui criado numa zona rural muito diferente do que hoje é lá, diferente das grandes extensões de terras trazidas para a agricultura moderna, meu tempo é de tirar leite e andar a cavalo, até hoje não me sinto à vontade em um carro, me sinto mais à vontade no lombo de um cavalo. Fui criado assim com meu pai, que era um comprador e transportador de boi. E, por sorte minha, de outro lado tinha minha mãe, que era uma professora que me ensinou a observar um mapa pela primeira vez e a ler autores que tiveram grande influência na minha formação. Essa história é mais ou menos conhecida, não vou ficar repetindo. A gente morava na zona rural, mas o polo era uma cidade muito pequena na época, que hoje se tornou mais importante, e nesse último censo já está com uma população mais considerável para região, que é a cidade de São Gotardo. As primeiras influências que tive foram desse ambiente, dos meus professores de lá, entre os quais eu quero citar muito prazerosamente, o professor Carlos Anselmo do Nascimento, que tive o prazer de ter a visita em uma cerimônia na UFMG há pouco tempo. Aprendi a gostar da Geografia através desse contexto, depois vim para Belo Horizonte, como quase todos os mineiros que querem estudar e não têm os níveis de estudos mais altos em suas pequenas cidades. O que acontecia mais era você sair de uma cidade pequena, passar por uma cidade média e depois então vir para Belo Horizonte, mas eu cortei o caminho e vim para Belo Horizonte com 16 anos, em 1961, e comecei a fazer o segundo grau, onde tive excelentes professores de geografia, inclusive gostaria de lembrar de um deles: Lincoln Parafita de Bessa, que teve uma influência importante em minha carreira e em minha vida. Para atender aos meus pais comecei fazendo direito na Universidade Federal de Minas Gerais, porém a época não era muito favorável ao direito (anos 60) e também não era minha vocação. Então, em 1967 fiz o vestibular de Geografia, e a partir daí me envolvi no curso, tanto que falo com muita certeza que tenho dois polos fundamentais na vida, um é a Geografia e o outro a minha família. Durante a graduação tive contato com dois professores franceses, de uma missão francesa que já não existe mais, na Universidade Federal de Minas Gerais, a quem devo muito, pois me ajudaram a fazer o doutorado na França, que consegui ingressar por meio de um exame onde os orientadores faziam uma leitura do seu trabalho no final do primeiro ano, e se o que você tinha feito era passível de se tornar uma tese, você não fazia mestrado, que aliás nem existia muito na época, era um outro título de nível intermediário, de modo que fiz muito precocemente esse doutorado, que depois foi avaliado e reavaliado por uma comissão, que considerou ele como revalidado em nível de doutorado no Brasil. A tese tem a ver com a região onde eu, nessa época, fui parar como professor, que foi na cidade de Formiga, e indo lá duas vezes por semana e fazendo campo,

verifiquei que ela tinha características muito interessantes como uma capital regional. Então, quando fui para a França para o doutorado, no início de 1971, eu tinha em mente fazer um estudo sobre uma pequena capital regional em Minas Gerais e suas relações regionais. Sendo esse o espírito que depois mudou um pouco sua temática, pois na França a cidade estudada se enquadrava na classificação de cidade média pelos franceses. Então essa é a minha primeira resposta.

Wagner: Perfeito! Você poderia explicar para a gente um pouco, meio que já tocou no assunto, como o senhor chegou à temática das Cidades Médias, como teve contato com isso, como surgiu para o senhor como tema de pesquisa.

Oswaldo: É muito interessante porque durante o tempo que eu fui aluno, e eu era muito participante, tanto no que diz respeito à vida acadêmica, quanto no que diz respeito aos eventos. Até a minha ida à França, meu objetivo era fazer um estudo de geografia urbano-regional, de que papel uma cidade do interior de Minas poderia ter em sua região, que relações eram essas, como era estruturada uma pequena capital regional em Minas Gerais. Não tive professor de geografia urbana na graduação, e ao chegar da França acabei me tornando o primeiro professor dessa cadeira na UFMG, e depois descobri que até de Minas Gerais. Isso no ano de 1974, que não existia no nosso currículo. Aliás teve outras duas disciplinas que cheguei a me envolver além da Geografia Urbana, que foram a Epistemologia da Geografia e Geopolítica.

Então quando viajei para a França, levei muito material de campo, censo e cartográfico que tratava das relações regionais da cidade de Formiga, tanto que meu orientador, quando cheguei, me disse que eu tinha um bom material. Quero até já falar o nome dele, pois foi uma pessoa que teve um papel fundamental na minha vida, professor Guy Lasserre, que era um especialista no mundo tropical, mas trabalhava também com as cidades do mundo tropical, que se interessou também pela minha temática. Não tenho nada a reclamar desse orientador, em alguns momentos foi como um pai para mim, nem todo orientador é um pai. Na verdade, acabei tendo contato através da literatura que ele me pediu pra ler. Ele disse que eu possuía muitos dados, mas na bibliografia não havia conteúdo especificamente sobre cidades médias. O que me chamou atenção era que em Bordeaux, que é onde fica a Universidade que acabei sendo designado, porque era lá que tinha um orientador que atendia algo parecido com o que os franceses achavam que eu estava interessado, tinha uma pessoa que se tornaria primeiro ministro da França, que era o prefeito chamado Jacques Chaban-Delmas. Ele foi a primeira pessoa que eu ouvi falar em cidade média,

falando das políticas governamentais, e ele sabia muito bem disso, foi primeiro ministro não me lembro se durante o governo de Charles de Gaulle ou depois, mas quando ele falou em cidades médias aquilo passou pela minha cabeça, mas ficou alguma coisa. E em Bordeaux eu comecei a me interessar pelo planejamento, e aí que começo a responder essa pergunta, descobri que havia uma coisa chamada “Aménagement du territoire”, termo que não possui uma boa tradução em português, mas se aproxima do que seria um planejamento regional no Brasil, que começava a ficar em voga no Brasil também através de economistas e de geógrafos, mas que tinha mais peso político pelos economistas. Por exemplo, lembro de uma pessoa que falava de cidades médias aqui no Brasil, que era o professor Paulo Haddad, que foi secretário de estado aqui em Minas, que eu não sabia, mas vi depois que retornei ao Brasil, que falava sobre cidades médias. E depois o próprio governo federal, que era dos militares, por influência desses pensadores franceses, acabou fazendo política de cidades médias. Mas na França tinha esse “Aménagement du territoire”, e tinha no plano quinquenal francês um capítulo específico para cidades médias. De modo que, nos anos que estive lá, havia uma política para cidades médias, e para ter essa política era necessário um estudo geoeconômico anterior, para servir de referência.

Não posso deixar de falar também, pois na mesma época tive contato com geógrafos ingleses que falavam também de uma coisa muito importante que era o “Town and Country Planning”, muito parecido com a versão francesa, não consigo falar com certeza, mas pode ser inclusive anterior ao Aménagement, que também trabalhava com os níveis de cidades para buscar o equilíbrio regional. Aí entra uma coisa que eu nunca falei, irei falar agora pela primeira vez aqui para o Batella. Nessa época em que eu era muito jovem, cheguei a participar muito da política estudantil, e eu tinha uma necessidade de justiça muito grande. E como geógrafo, uma das coisas que sempre me impressionou muito é que se existe uma justiça espacial, os desequilíbrios regionais são uma injustiça geográfica. E eu me lembro de que uma das coisas que os franceses buscavam com o Aménagement era um maior equilíbrio regional. Porque o que acontecia na França era que ela era um país desequilibrado, que possuía Paris, onde se concentrava tudo, e tinha “o resto”. E um dos critérios que justificavam a política das cidades médias, de acordo com os planejadores, é que ela traria um maior equilíbrio regional e, portanto, maior justiça territorial/regional. Claro, se você tem um muito grande e um muito pequeno, nós temos um desequilíbrio. Se você entra com o médio, você estabelece um nível intermediário que pode servir de ligação entre o pequeno e o grande, que no meu ponto de vista é a função principal das cidades médias. Muita gente pensa que cidade média é um problema de tamanho, mas é muito mais um

problema de intermediação do que de tamanho. Parablenizo meus colegas geógrafos e outros aqui da América Hispânica, que usaram o termo “Ciudades Intermedias” para definir as cidades médias. Portanto, a minha chegada vai nessa direção.

E, depois, em Bordeaux, havia professores, meus professores, por exemplo, que falavam sobre as cidades médias da região de Bordeaux, que eu tive oportunidade de conhecer algumas que eram consideradas como médias. E a primeira coisa que me chamou atenção, em que eu vi que a cidade de Formiga poderia entrar, é que o limiar de cidades médias na França era diferente do limiar que alguns lugares do Brasil, vou citar especificamente São Paulo, tem como limiar de cidade média. Na França esse limiar era muito mais baixo, pois estava ligado não ao tamanho, mas à função regional. Por exemplo, me lembro muito bem do meu professor falando que uma cidade a partir de 20 mil habitantes possui uma função regional. Isso para mim foi muito interessante porque a cidade de Formiga, na época, estava em torno de 45 mil habitantes, e vi que ela tinha um papel regional significativo. Conversei sobre isso com meu orientador, que ficou entusiasmado com a ideia, me indicou mais literatura e então foi assim que eu cheguei à questão das cidades médias. Só para sintetizar, tem a ver com distribuição regional, com função regional, com equilíbrio regional, justiça territorial e o tamanho é a última das questões que foram importantes para mim. Inclusive, mais tarde, seria objeto de conflitos com professores que trabalhavam com o tema do Brasil e não concordavam de jeito nenhum que uma cidade com 40, 50 mil habitantes pudesse ser considerada uma cidade média.

Wagner: Fiquei pensando em duas coisas que o senhor falou. Uma é essa última informação, de no Brasil não considerarem essas cidades. E a outra é que fiquei preocupado sobre a graduação no final dos anos 1960 não ter uma cadeira de geografia urbana, e gostaria de te perguntar o que se pesquisava no Brasil sobre cidades e redes urbanas nesse período?

Oswaldo: Bom, primeiramente vou te falar que não se falava em rede urbana, esse é um termo que aprendi na França, porque aqui no Brasil, enquanto estudante de graduação, nunca ouvi esse termo. O que se estudava era o papel regional das cidades. Por exemplo, quero me lembrar de um professor que eu gostava muito, que hoje está muito idoso, aliás era um casal, professor Fabiano Marques dos Santos e a professora Farailde Vale Marques, todos os dois da área de Geografia Humana. Ele trabalhava mais com a indústria e ela mais com a população, e a cidade aparecia nesse contexto. Eles eram muito preocupados com a morfologia urbana, com o sítio, com a posição, que era um dado

fundamental, digamos que havia os ingredientes, mas não havia a conscientização da questão. E eu me lembro que fui muito influenciado, sobretudo por professores da USP e da UFRJ, que trabalhavam com nível de cidades. E já tinham professores que trabalhavam questões que caberiam plenamente como cidades médias, mas não usavam esse termo, pois não havia o conceito. Me lembro, por exemplo, de um estudo do IBGE e da UFRJ sobre a região oeste do Paraná, que me marcou demais. Em São Paulo havia livros de uma qualidade muito boa, a questão da cidade e da região eram tratadas nesses livros. Quando fui pra França eu não tinha o conceito de cidade média, mas tinha a base para entender esse conceito. Mas não posso negar que até o ano de 1970, que foi quando fiz minha graduação como licenciado e bacharel em geografia no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, eu nunca tinha ouvido falar cidade média, ouvi pela primeira vez em francês o termo “ville moyenne”, que a tradução literal é cidade média.

Wagner: E como o senhor chegou até Formiga, nesse contexto?

Oswaldo: É um dado interessante porque eu nasci nessa cidade em 1944, vocês vão ver que ano que vem, tudo correndo bem, eu espero, pois hoje tudo é muito incerto, sobretudo depois dessa pandemia horrorosa, devo completar 80 anos, e espero estar em plena atividade intelectual, produzindo e inclusive trabalhando nesse projeto do meu caro ex aluno e amigo, Wagner Batella, que está em Juiz de Fora hoje. E Formiga tem a ver com a família de minha mãe, uma família de origem portuguesa. Nasci lá, mas meu pai quis voltar pra região dele, que é no Alto Paranaíba, na entrada do Triângulo Mineiro, e fui criado em São Gotardo, tanto que eu ouvia falar de Formiga como algo muito distante, até a minha graduação, quando recebi um dia uma convocação da minha diretora, professora a quem devo demais, e quero homenagear inclusive, uma das maiores geógrafas que conheci, uma mulher extraordinária também, pessoa de uma opinião, em um tempo em que as mulheres tinham dificuldade de se impor, ela se impunha de uma forma maravilhosa, professora Guiomar Goulart de Azevedo, que veio da região de Itajubá, sul de Minas. Ela me disse que havia uma professora do curso de Letras, na UFMG, que precisava de um estudante de geografia em que a professora Guiomar confiasse. Eu era monitor dela e ela confiou no meu trabalho para ser professor de uma faculdade do interior ainda graduando. Fui procurar a professora Angela Vaz Leão, uma pessoa extraordinária da Faculdade de Letras da UFMG, que depois foi para a PUC Minas, e ela me disse que seria pra cidade de Formiga, uma coincidência estranhíssima, as pessoas falam “você foi professor na Faculdade de Formiga, porque você é de Formiga” e não fui professor por indicação dos meus mestres.

E aí voltei a ir à Formiga duas vezes por semana e passei a me interessar pela geografia urbana da cidade. Verifiquei logo que ela tinha um papel regional muito importante. Competia com Divinópolis, que hoje é três vezes ou mais que Formiga, a cidade de Passos, que fica um pouco mais para o sudoeste, a cidade Campo Belo, que hoje é menor até que Formiga, se localiza a leste, e cidade de Lavras que fica um pouco mais à Sudeste. Verifiquei que nesse perímetro, não havia outra cidade tão importante quanto Formiga, que tinha uma área de relações que os formiguenses chamavam de “zona de influência de Formiga”, que é a região de Arcos, Pains, Iguatama, até Bambuí nessa época, hoje é diferente, Piumhi, as cidades da borda nordeste do Lago de Furnas todas estavam sob influência de Formiga, Capitólio, Pimenta etc.. Depois, na direção de Campo Belo, várias outras pequenas cidades. E na direção de Divinópolis até onde a influência de Divinópolis vai chegar, né? Itapecerica também competiu um pouco com Formiga, embora fosse um pouco menor, e Formiga já pertenceu à Itapecerica também. Eu verifiquei que o papel dela era fundamental sobretudo em serviços de saúde. Formiga era aonde as pessoas iam para serem operadas, de um raio muito grande. No serviço militar, Formiga tinha um tiro de guerra, como eles chamavam antigamente, várias instituições estaduais tinham sede regional na cidade. Então verifiquei que Formiga era de fato uma capital regional e para um estudo urbano seria uma temática muito importante. Tinha uma história intermediar entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás, e as pessoas que vinham, de São Paulo sobretudo, passavam por ali, e a própria origem do nome Formiga tem a ver com isso, eram bandeirantes, viajantes, que paravam em Formiga e aconteceu que, em uma certa época, eles estavam com um carregamento de açúcar, uma dessas caravanas ou comitivas, e verificaram que no dia seguinte vários sacos de açúcar estavam quase vazios, porque as formigas tinham comido. Então a cidade virou a cidade de Formiga. Tanto que minha vó, que era de lá, contava que o povo antigo falava “a cidade da Formiga” se referindo a formigas. Mas é uma capital regional de fato, e, sobretudo, é uma capital cultural, vários intelectuais importantes de Minas vêm de lá. Evidentemente que não estou me incluindo aí. Mas vários vêm de lá, Silvano Santiago, a própria Ângela Vaz Leão, e muitos outros, até alguns que estou me esquecendo agora, são de Formiga, então é mais ou menos por aí. Além do que é a cidade da minha mãe que está viva até hoje, fez os estudos dela lá, conheceu meu pai lá e daí nasci eu mesmo lá.

Wagner: E a tese está aí, completando 50 anos, sendo homenageada nesse projeto nosso. Muitos alunos formados nessa temática, inclusive eu. O senhor conseguiria pontuar

contribuições diretas da tese do senhor? Temáticas e abordagens que se desdobram. O que a tese contribuiu para o pensamento sobre cidades médias até os dias de hoje?

Oswaldo: Bom, eu vou dividir isso em três partes, como talvez um bom cartesiano. Primeiramente, teve uma influência porque a mídia tomou conhecimento da existência dessa tese. Tão logo cheguei, você pode imaginar a quantidade de entrevistas para jornais que eu nunca esperava, para mim foi um susto, fui apanhado de surpresa, tive até dificuldade em responder aos jornalistas que não possuíam uma ideia muito clara do que seria uma cidade média. Então me lembro de entrevistas com o jornal de Belo Horizonte, que é o Estado de Minas, com o JB do Rio de Janeiro, que existia nessa época, pessoas ligadas às rádios. Então chamou atenção de pessoas ligadas ao poder. Por exemplo, em Minas logo eu fui procurado por pessoas do Governo do Estado, pessoas da Fundação João Pinheiro entraram em contato comigo, a Fundação João Pinheiro que tem um papel fundamental aqui em Minas, economistas sobretudo. Os próprios professores da universidade que nunca tinham ouvido falar, nunca fiz tanta palestra como naquela época, e eu queria fazer era pesquisa, não queria me envolver com isso. Fui até chamado à Brasília para conversar com gente ligada ao ministério que tratava dessas questões, que eu nem me lembro o nome agora. Mas o mais benéfico disso foi que eu ganhei uma presença no CNPq que foi muito importante. Na época eu era o professor do departamento de Geografia que tinha mais bolsistas, me lembro que uma época eu tive entre, não me lembro com certeza, se eram oito ou dez bolsistas CNPq, nos meados dos anos 70, com quem trabalhei e devo muito por terem me ajudado. Tem um trabalho, por exemplo, sobre Patos de Minas, no oeste de Minas, Alto Paranaíba, mais uma vez, onde fui criado, e eu conheci Patos de Minas de viagens com meu pai, e um dos primeiros lugares que me parecia típico de uma cidade média era a cidade de Patos de Minas. Continuo achando hoje que ela é uma cidade média típica e que está evoluindo para se tornar uma grande capital regional. E me lembro dos bolsistas CNPq me ajudando nessa pesquisa. Então foi o conhecimento, quer dizer, a difusão do conceito de cidades médias, às vezes algumas polêmicas porque houve colegas de universidades de outros estados que não concordavam muito, mas às vezes até conhecimentos muito interessantes. Me lembro, por exemplo, de um congresso que teve da AGB em 1976, em que eu discuti pela primeira vez critérios para definir uma cidade média, tenho os anais aqui, que são raríssimos, os vi outro dia conversando com os estudantes e me lembro que quando fiz a apresentação no congresso eu me assustei muito, porque quem estava assistindo e me fez uma das primeiras perguntas, nada mais nada menos que o professor Milton Santos, que estava lá e se interessou por esse problema, e

foi a primeira vez que conversei pessoalmente com esse professor, e vários outros do Rio de Janeiro e do IBGE também estavam presentes, alguns de São Paulo. Me lembro, sobretudo, de alguns professores da Unesp de Rio Claro que se interessaram pela temática, tanto que depois fui chamado várias vezes para bancas, e me tornei muito amigo do grupo de geógrafos de Rio Claro. Enfim, a primeira coisa é esse fruto da pesquisa. Até tive que ter um cuidado muito grande, porque os políticos começaram a se interessar, e considero às vezes que há de um lado a necessidade da ajuda, que os políticos valorizem esse tipo de coisa, mas por outro lado esses políticos às vezes querem politizar indevidamente certos temas, que para mim, eu continuo tratando disso academicamente. Sei que tem uma relação com a política, porque os prefeitos dessas cidades têm que saber sobre isso, o potencial. Então essa é a primeira questão.

A segunda questão tinha a ver com as minhas pesquisas a partir daí. Desde que voltei do meu doutorado na França, trabalhei muito com três campos, que eram minhas preocupações de graduando. Me lembro de ter pedido à diretoria do Instituto de Geociências na época, ocupada por um professor muito querido da gente, chamado professor Alisson Guimarães, que infelizmente também já nos deixou, um dos primeiros que escreveram sobre a geografia das indústrias em Minas Gerais. Me lembro de tê-lo procurado com um abaixo assinado para ter Teoria da Geografia, Geografia Urbana e Geopolítica, e ele me disse assim “Eu não tenho professores para essas disciplinas. Vou te dar um conselho, porque na hora que você for fazer sua pós-graduação você não se prepara? Se você se preparar e eu estiver vivo e aqui na diretoria ainda, vou abrir um concurso”, infelizmente logo que eu voltei não teve tempo de fazer isso, pois ele morreu logo em seguida. E na verdade eu já tinha feito um concurso no COLTEC, Colégio Técnico da UFMG, então eu já era professor, só era do segundo grau e não do nível superior. Mas enfim, isso é periférico, embora fundamental para mim. Mas eu comecei a fazer pesquisas nessas três linhas, Teoria, que depois vi com meus colegas brasileiros e com outros colegas que o melhor termo era Epistemologia, pois na verdade se trata da filosofia da disciplina, a Geografia Urbana e a Geopolítica, e na Geografia Urbana eu comecei a orientar estudantes, primeiro nos Trabalhos de Conclusão de Curso, pois nós não tínhamos mestrado no Instituto de Geociências nessa época. Orientava trabalhos de altíssimo nível, que poderiam ser perfeitamente dissertações de mestrado. Comecei a publicar muita coisa, relativamente, pois nunca fui de publicar em grande número, mas sempre gostei muito de publicar nessas três linhas. Então, por exemplo, primeiro trabalho que eu tornei público depois da minha tese foi essa reflexão sobre os critérios para se definir uma cidade média, que eu apresentei

no Segundo Congresso da AGB, que foi feito em Belo Horizonte, por acaso, no Instituto de Geociências, que não era o prédio atual. O título do trabalho era “Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias”. Esse trabalho tratava de como você deve estudar, evidente que eu era muito jovem nessa época, embora doutor, mas trouxe um esquema que os franceses, em grande parte, usavam. Vou tirar uma cópia desse pra você, pois outro dia um estudante me falou que procurou isso na Internet e não encontrou. Então tem várias coisas que a minha biblioteca tem, que a Internet não tem. Mas enfim, logo em seguida escrevi um texto que foi publicado na Revista de Geografia da Unesp de Rio Claro, pelo nosso saudoso professor Christofolletti, que se tornou muito meu amigo nessa época, sobre Patos de Minas, justamente. Aí passou-se um tempo, onde assumi funções administrativas na universidade, e aí vocês todos que conhecem a universidade sabem o que significa isso, você carrega um peso nas suas costas, e aí fiquei um tempo sem publicar. Publiquei muita coisa fora da Geografia Urbana nesse período aí, eu era professor de Teoria, então me lembro de ter publicado um livreto, que se tornou um livro mesmo depois, que se chamava “Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da Geografia”, que foi publicado pela primeira vez em 1978, junto com o trabalho de Patos, só que esse foi feita uma publicação como se fosse uma apostila no próprio Instituto de Geociências. Nessa época eu, digamos, variei um pouco o meu campo, até 1982 quando um outro professor que seria meu parceiro por muitos anos, até a morte dele agora no ano passado, que era o professor João Francisco de Abreu, que me levaria depois de aposentado para a PUC Minas, onde passei uma parte da minha vida acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial. Eu, o professor João Francisco e a minha esposa professora Elizabeth, que era professora do Instituto de Geociências também, na área de cartografia, ela fez os mapas dessa pesquisa. Nós publicamos uma primeira hierarquia das cidades médias de Minas Gerais, em que tinha um nome todo diferente, foi atendendo um pedido de um ministério. A gente queria achar uma cidade de porte médio que merecesse um apoio governamental para ações que eles chamaram de socioeducativas culturais, mas é óbvio que nós aproveitamos isso para fazer um estudo de cidades médias, e foi a primeira vez que eu tive contato com cidades médias que eu nem sequer conhecia, por exemplo a cidade capital da região estudada pelo meu próprio colega, amigo e ex-aluno que está aqui, Wagner Batella, que é a cidade de Teófilo Otoni, que seria objeto de estudos dele e da tese dele, não é isso?

Wagner: Exatamente!

Oswaldo: Então foi uma oportunidade extraordinária que o professor João Francisco estava trazendo pela primeira vez também em Minas, depois de um uso do geoprocessamento para a hierarquia urbana. Só que ele era um geógrafo que acreditava muito fortemente no geoprocessamento e nas técnicas quantitativas, e eu acreditava com alguma restrição, sempre foi uma questão polêmica entre nós, mas a gente se respeitava muito, éramos amigos, e mesmo tendo alguma divergência continuamos amigos até a morte dele. Ele usou Análise de Componentes Principais, e eu falei com ele “Eu concordo que você use, desde que eu faça o campo em todas as cidades médias que nós vamos considerar”, então me lembro que na época eu visitei mais de 100 cidades médias, por isso demorou tanto e só fui publicado em 1982. Então fiz a parte do campo e da teoria das cidades médias, o professor João Francisco fez a parte do tratamento dos dados e a professora Maria Elizabeth Taitson Bueno, que é minha companheira há 54 anos, fez a cartografia desse trabalho. Esse trabalho é importante porque é a primeira vez que um estudo foi feito especificamente sobre as cidades médias em todo o estado de Minas Gerais.

Wagner: Um estudo de tipologias, né?

Oswaldo: Uma tipologia-hierarquia, porque às vezes as pessoas pensam que basta uma delas, uma tipologia ou uma hierarquia, mas não, as duas tem que andar lado a lado, porque uma não existe sem a outra.

A partir de 1987 nós criamos, fiz parte da comissão que criou o mestrado no Instituto de Geociências da UFMG, juntamente com meus amigos e colegas, Guiomar Goulart de Azevedo e Carlos Magno Ribeiro, programa que eu fui o primeiro coordenador, e a partir daí orientei muitos trabalhos. Acredito que eu não tenho de cabeça, mas como eu orientei mais de 30 mestrados e doutorados, no mínimo um terço foi sobre cidades médias. Participei de vários congressos no Chile, no Peru, na Argentina e apresentei trabalhos nesses eventos sobre cidades médias. Tem até um estudo sobre 25 anos da tese de Formiga, que apresentei no Chile.

Continuo trabalhando sobre cidades médias, vou inclusive apressar o passo, porque quero falar aqui de uma publicação que eu participei com um prazer muito grande, deve ter uns quatro, cinco anos, e foi feita por uma universidade que eu gosto de mais, que é a universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri O estudo é de 2015 e se intitula “Cidades médias: bases teóricas e estudos aplicados à Diamantina”. Essa foi uma das últimas publicações minhas sobre cidades médias. Eu fiz a parte teórica, o professor Guilherme Forte Varejão que fez sua tese sobre Diamantina, da qual participei da banca, e

o professor Douglas Sathler, também dessa universidade, que fez uma tese sobre cidades médias, mas na Amazônia, onde também tive o prazer de fazer parte da banca dele. Há muitas outras publicações que foram feitas durante esse período, diversos artigos, livros, queria chamar atenção pra um livro que eu tive o prazer de escrever com um grande amigo, orientando, Nelson de Sena Filho, de Universidade de Caratinga, que trata da morfologia das cidades médias. Que eu saiba, é o primeiro trabalho em que dele surge um modelo sobre a morfologia das cidades médias. É evidente que eu não tenho nenhuma pretensão, nem nacional, nem universal, mas o foco foi a morfologia das cidades médias de Minas Gerais. Acho que ele pode ter, como teve, aplicação em vários estudos. Enfim, é um apanhado muito singelo, assim, muito rápido, dos efeitos dessa tese. Então eu diria que, pra resumir mais uma vez, afinal não posso deixar de ser professor, que ele teve um efeito sobre a divulgação da temática “cidades médias” que chegou a atingir o próprio nível nacional, teve um efeito sobre as minhas publicações, pois é uma linha de pesquisa a qual continuo fiel até hoje, por exemplo, o único projeto que eu tenho sobre cidades atualmente, é da cidade de São Gotardo, que era uma cidade muita pequena quando eu morava, e hoje é uma cidade que está com mais de 30 mil habitantes, e a ideia que eu tenho é que ela venha a se tornar uma cidade média. Então eu estou escrevendo junto a pessoas que estão ligadas a essa pesquisa, entre elas o meu filho, Guilherme Taitson Bueno, que é da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Esse talvez seja o último projeto que eu vá fazer, ainda não sei, o futuro nós não sabemos, mas falo com meus colegas são-gotardenses que vou morrer muito nervoso se não terminar esse projeto. Mas enfim, sigo muito fiel a essa temática. Então sobre a minha tese, eu acho que teve uma influência, modestamente, sobre a divulgação da temática, e, aí já digo com mais certeza, sobre as minhas linhas de pesquisa e, por último, sobre as orientações e sobre os trabalhos de pessoas que, ou foram orientadas por mim, ou se inspiraram em meus trabalhos, que não saberia falar qual o nível de importância, mas sei que houve, como tem, amigos de Uberlândia, Montes Claros, Juiz de Fora, Diamantina, entre vários outros espalhados pelo Brasil, que se eu mencionar vou fazer injustiça, pois não vou lembrar de todos.

Wagner: Dando um salto temporal, de fato em muitos congressos que estão acontecendo hoje no Brasil, o uso de cidades médias têm sido um dos mais procurados, pra ver também como é o reflexo das transformações na urbanização brasileira.

Oswaldo: Acredito que aí entra uma questão que não tem a ver comigo. Soube primeiramente da vontade de alguns professores de São Paulo de criar uma rede, uma

organização de pesquisas, lideradas por uma pessoa que respeito profundamente e que tenho um prazer muito grande de situar entre os meus amigos, que é a professora Carminha Sposito, de Presidente Prudente, que fundou e coordenou a RECIME, Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, que, em termos de estrutura coletiva, não tem paralelo no Brasil. Essa rede teve um papel também crucial e confesso para vocês que tive muito prazer em fazer parte da sua fundação, discutindo junto com eles questões relacionadas com o que se poderia fazer, e sobre o tipo de pesquisa. Hoje participo muito pouco, até pelas minhas próprias limitações, mas estou muito bem representado por ex-alunos, entre os quais eu cito o Wagner, não apenas porque estou na presença dele, basta ver os frutos do seu trabalho, inclusive acabei de ganhar um livro de presente.

Wagner: A RECIME, de fato deu muitas contribuições por comparar cidades médias do Brasil. É até a próxima pergunta que eu iria fazer para o senhor, porque a RECIME deu muitas contribuições e abriu muitos debates, pois não precisa concordar com tudo. E uma das coisas que eu percebo e gostaria de ouvir o que o senhor pensa também é que muitas vezes a metodologia que a RECIME segue, a própria RECIME reflete sobre isso, nem sempre é reaplicável para todo tipo de cidade. E eu queria perguntar se há e quais seriam as particularidades das cidades médias mineiras em relação à rede urbana brasileira.

Oswaldo: Vamos dividir também essa pergunta, falar primeiro do contexto. Tudo que eu puder falar da RECIME aqui é pouco, até confesso que não tenho hoje uma visão de conjunto da RECIME, vi o começo dela muito proximamente, depois ela criou uma vida própria. Até devo dizer que uma orientação filosófica geral da RECIME não é a minha, pois eu, com muita franqueza, fui muito influenciado pela Escola Geográfica Francesa, que tem sua própria abordagem. Dito isso, eu valorizo extremamente o que a RECIME faz, e esses estudos comparativo de cidades médias de todo o Brasil, aos quais o Wagner se referiu agora há pouco, eu acho que individualmente seria muito difícil de serem realizados. Não nego que há pessoas com plena capacidade de fazer, grandes mestres do Rio de Janeiro, de São Paulo, de outros lugares também, do Nordeste cada vez mais, mas a RECIME tem uma posição muito privilegiada, possui recursos e título, foi muito bem avaliada e reconhecida pelo CNPq e por órgãos avaliadores no Brasil. Há alguns princípios que orientam a definição de qualquer cidade média. Por exemplo, eu penso que a posição geográfica é um fator crucial, e defendo com “unhas e dentes” o conceito de que uma cidade média é, verdadeiramente, uma cidade média no nível regional. Quando se vai para um nível nacional, a não ser que seja um país pequeno, uma cidade média regional pode deixar

de ter importância. Pode ser até que a RECIME, ou outros pesquisadores individualmente, estejam desenvolvendo o conceito de cidades médias em nível nacional, acho até que seja uma necessidade para planejamento, mas do ponto de vista da minha formação, que é muito orientada pela escola geográfica francesa, uma cidade média sempre possui um papel regional, não no sentido de macrorregiões, mas no sentido clássico da noção de região. A partir daí você já tem um pouco da resposta que você me pediu, porque Formiga não seria uma cidade média em nível nacional, mas é plenamente uma cidade média em nível de Minas Gerais. Por isso que, em 1982, quando eu e os professores João Francisco e Maria Elizabeth fizemos a primeira classificação das cidades médias de Minas Gerais, em nível acadêmico, ainda não tinha a ver com um planejamento para Minas Gerais, eu acreditava que aquele estudo poderia ajudar e ser usado para o planejamento, mas não era especificamente para o planejamento, ele era pra responder nossa indagação “o que são as cidades médias em Minas Gerais?”, e nós verificamos para uma alegria intelectual nossa, que você tinha tipologias de cidades médias dentro de Minas Gerais e eram 15. Então não era um tipo de cidade média que você olhava e falava “a cidade média de Minas Gerais é isso”. Aí veio a noção de limiar, pela primeira vez vimos que o limiar demográfico é apenas uma indicação, e nem sempre a melhor. Como é que você pode comparar uma cidade como Uberlândia, que todo mundo considera média, com uma cidade, nem preciso falar de Formiga que estou falando demais, mas Campo Belo, por exemplo, ou então São João Del Rey. Em um nível um pouco maior aqui em Minas, como você vai comparar Juiz de Fora, cidade do meu caríssimo entrevistador, por exemplo, com a cidade de Araxá? Agora, Juiz de Fora é uma cidade média em muitas classificações, para mim é uma cidade média que está num limiar superior das cidades médias. Araxá é típica na região, quem é que nega o papel regional de Araxá? Possui pouco mais de 100 mil habitantes. Agora uma cidade na região que eu conheço mais, Patos de Minas, já é bem maior que Araxá, mas é muito menor que Juiz de Fora ou Uberlândia. E no nível mais regional ainda tinha um limiar, que era muito difícil de estabelecer, o que faz uma cidade pequena se tornar média? Se nós temos certeza de que Uberlândia vai se tornar uma metrópole regional, pelo menos mantidas as tendências atuais. Mas porque eu estou escrevendo um trabalho sobre São Gotardo e no título fazendo a pergunta “futura cidade média do Alto Paranaíba?”, ela tá entre 30 e 40 mil habitantes urbanos, mas há sinais evidentes de que, do ponto de vista econômico, é uma capital importantíssima para o agronegócio em Minas, é a maior produtora de cenoura da América do Sul, é um dos grandes produtores de soja, mas soja tem outros no centro-oeste, que produzem muito mais, é uma grande produtora de café,

feijão, milho embora a vizinha, Patos de Minas, produza muito mais milho, é a capital do milho, tem a Festa do Milho. Então nós concluímos nesse trabalho que há uma hierarquia, uma tipologia, algo que eu conversava muito com o Batella, e ele dizia que a gente deveria trabalhar mais nessa hierarquia, nessa tipologia, estou inteiramente de acordo com ele. E falei “É a tarefa de vocês pro futuro, me poupem, vou discutir, mas não vou ser responsável. Em uma vida acadêmica de 52 anos, que é o caso da minha, chega um ponto que você gosta de ser aposentado”. Mas enfim, estou brincando, tudo isso é porque tenho liberdade de falar essas coisas com o Batella aqui do meu lado, acho que também ainda resta um pouquinho da autoridade do professor. Brincadeira! Agora somos colegas de mesmo nível. Mas na época, imaginem, vocês que estão lendo essa entrevista, nós vimos que não podia ser somente um tipo de cidade média em Minas Gerais, me lembro que a gente encontrou quatro níveis, cada nível hierárquico tem as suas tipologias. Encontramos cidades médias de nível superior, que estão em um limiar entre a cidade média e a grande metrópole regional, que é onde se encontra a maioria das cidades que o brasileiro considera como médias. Aí a noção de limiar, aqui eu falo para os estudantes e para os professores também, a noção de limiar e descontinuidade é uma teoria fundamental, não vale só pra isso, mas nesse caso ela é, quer dizer, como é que se dá a mudança de categoria hierárquica? Não somente para o que já não é mais médio, seja pra cima, seja pra baixo, e as próprias cidades médias entre si. Então o primeiro nível, o mais alto, na época, 1982, encontramos só Uberlândia e Juiz de Fora, se não me engano. Aliás, Juiz de Fora estava em uma posição igual ou superior à Uberlândia.

Wagner: Aqui na classificação está como superior.

Oswaldo: Exatamente. Nós tínhamos as cidades médias de nível superior, as cidades médias que são capitais regionais ou algo do tipo, as cidades médias propriamente ditas, aí eu incluo Formiga, Araxá, cidades que têm um papel fundamentalmente regional, e que nem sempre esse papel alcança o nível nacional. Embora os exemplos que eu dei aí, Formiga não tem um papel nacional, mas Araxá tem, de um ponto de vista turístico. E depois o que eu chamei de centros urbanos emergentes, na falta de um nome melhor, até hoje espero alguém que me dê um nome melhor para essas cidades que estão deixando de ser pequenas, e que têm potencial para se tornarem médias. Então acho que isso responde, temos cidades médias em Minas que poderiam figurar como cidades médias no Brasil, hoje aumentou, se eu fizer a pesquisa hoje eu vou incluir Montes Claros, por exemplo, talvez Uberaba, Poços de Caldas. É uma pesquisa para ser feita. Essas cidades

têm possibilidade de figurar uma hierarquia urbana de cidades médias no Brasil, mas a partir daí, elas são muito mais regionais, e podem até, por exemplo, Ouro Preto, antiga Vila Rica, é a principal cidade histórica de Minas Gerais, estou dando esse exemplo porque é um exemplo fresco para mim. Nessas primeiras férias reais depois da pandemia que nós tivemos... estou falando de férias, pois apesar de estar aposentado ainda estou trabalhando muito... eu tirei essas férias, junto com a minha mulher, para a gente apresentar para as nossas netinhas, que já têm percepção, as cidades históricas de Minas Gerais, porque elas moram longe e não têm a menor ideia. Aí eu estava com uma delas, a mais velha das netas, a Beatriz, que mora na Colômbia atualmente, estava com ela há uma semana em Ouro Preto. Eu, minha mulher, minha filha Letícia, meu genro e a Beatriz, e nós fizemos uma geografia urbana de Ouro Preto. Fiquei muito impressionado que essa é uma cidade internacional, você tropeça em pessoas falando inglês, alemão, francês, mesmo sendo um período que, em Minas Gerais, um mineiro vai falar que essa é uma época que os mineiros não vão muito porque faz muito frio, e de fato, estava 8° C a temperatura lá, e que você vai encontrar só estrangeiro. Mas eu olhei muito mais do que isso, havia equipamentos voltados pra esse tipo de clientela, esse tipo de turistas. Então, Ouro Preto hoje não é uma cidade média apenas para Minas Gerais, não vi o censo, mas deve estar beirando os 100 mil habitantes, que tem um papel mundial em termos turísticos, as pessoas vem pra conhecer Ouro Preto. Eu mesmo fiquei enclausurado, pois os velhinhos pagaram um preço muito alto na pandemia, fiquei quase 2 anos sem ver minha mãe, que mora em Niterói, pois tinha medo de levar o Covid para ela. Mas enfim, fiquei 2 anos ou mais sem ver Ouro Preto, fiquei muito impressionado com essa mudança de perspectiva em termos funcionais. Ouro Preto pode ser colocada entre as grandes cidades turísticas do Brasil, não tenho dúvidas disso. E há várias cidades médias que possuem um papel turístico no Brasil. Então veja, a pergunta que você fez sobre o papel de cidades médias em termos nacionais, comparativamente, temos que estabelecer essas perspectivas. Diamantina, onde tem uma universidade em que nós fizemos um estudo colocando como uma cidade média, Diamantina é menor que Ouro Preto, mas tem um raio de ação no norte de Minas que é impressionante. É a capital de toda aquela região do Vale do Jequitinhonha, ou então pelo menos é a escala antes de Belo Horizonte, é intermediária. Temos que ter muito cuidado com essa questão de cidades médias. A primeira coisa que me chamou atenção, para uma pessoa que se diz conhecedora das cidades médias, que me mostra que não é coisa nenhuma ou é pouca coisa, pelo menos, não é o que dizem, o que os outros pensam, é como uma pessoa fala assim “Isso é ou não uma cidade média?”, essa classificação

taxativa, quase que dogmática, e não é assim. Por essa questão acredito que os geógrafos são os melhores estudiosos de cidades médias, acho que muitos não-geógrafos são capazes de fazer bons estudos de cidades médias, desde que adotem o espírito geográfico. Então isso dá uma ideia de como nós podemos comparar cidades médias.

Wagner: Professor, agora, no fim inclusive, tem muito a ver com a questão que o senhor finalizou na última resposta. Se o senhor fosse escrever uma tese hoje, com a temática das cidades médias, quais temáticas teriam prioridades nessa pesquisa, e quais cidades seriam escolhidas para o senhor estudar?

Oswaldo: Bom, às temáticas primeiro. Há teses de doutorado que eu orientei, principalmente na PUC, que trataram de temas que são muito novos. Vou pegar uma para servir de exemplo de tipo de temáticas que podemos pesquisar hoje, é uma tese que virou um livro. O título é “Diamantina, um Espaço-vivo”, essa tese é de uma aluna muito querida minha, uma arquiteta, os arquitetos fazem belíssimos trabalhos de geografia quando assumem o espírito geográfico, esse é o caso da Cláudia Regina Vial Ribeiro, que é uma professora formada na UFMG, hoje não sei se está na UFMG ou na PUC Minas, estava na PUC Minas como professora. Mas olha, Diamantina um Espaço-vivo, ela juntou Geografia das cidades médias com Geografia Humanista Cultural. E o Espaço-vivo que ela estuda aqui em Diamantina, ela mostra que Diamantina é uma cidade média, e eu estou inteiramente de acordo com ela, senão não teria orientado. Embora ela tenha uma autonomia intelectual muito grande, não é de modo algum dependente do orientador. Fui realmente um orientador mesmo, o que deve ser um orientador. Porque aqui no Brasil os orientadores costumam fazer o trabalho para os estudantes. Ela estudou a percepção e a representação das paisagens de uma cidade média pelos músicos. É uma tese que é uma obra de arte. E eu acho que esse exemplo, da tese da Cláudia, mostra um dos potenciais temáticos das cidades médias atualmente. Eu quero dizer que não é uma ideia minha, nem isso aí foi uma ideia minha, mas por exemplo, um outro tema que eu vi muito nos estudos de cidades médias da França, que completa muito isso, é o tema das cidades médias como algo importante no que diz respeito ao meio ambiente natural, porque esses estudos da França que eu vi, de cidades médias, ele dizem textualmente o seguinte: a melhor qualidade de vida não está na grande metrópole e nem na pequena cidade, em uma por excesso e na outra por escassez, para usar um termo usado nas propagandas. A cidade média tem uma qualidade de vida superior porque ela tem equipamentos e serviços que só tem na cidade grande. Mas não tem os mesmos problemas, normalmente, né? Claro que

há cidades médias que têm, uma cidade média de função puramente industrial, vou dar um exemplo aqui em Minas, não podemos querer que João Monlevade tenha a mesma qualidade de vida de Diamantina, e ambas são cidades médias. Então a temática é muito variada, claro que a temática original continua valendo plenamente, a cidade média continua tendo um papel fundamental no planejamento, mas o planejamento perdeu muito, em função da evolução ideológica política de vários tipos de poder. Uma coisa que conversei muito com alguns orientandos, foi o papel das cidades médias na difusão de endemias. Tem estudantes de Divinópolis, por exemplo, que fizeram estudos sobre como a dengue se manifesta em cidades médias. Então essa geografia médica também é um campo importante. Enfim, é muito vasto o campo das cidades médias. Agora, eu chegando mais ou menos para o fim dessa entrevista, penso que hoje, olhando para o passado, desde a primeira vez que me interessei pela cidade médias, no ano de 1971, mesmo que a pesquisa pra minha tese tenha começado em 68, mas eu acordei pra cidade média em 1971, para mim o fundamental de uma cidade média é o equilíbrio, o papel que ela tem no equilíbrio do organismo urbano nacional, sobretudo regional. E mesmo, se é que existe, uma justiça territorial, você concentrar todo o capital nas grandes cidades é um erro que paga um preço caríssimo depois, em termos ambientais, em termos sociais. Há países que tem, não sei se as pessoas já se atentaram para isso, mas quais são os países na Europa que mais possuem cidades médias? Não é a França, não é o Reino Unido, embora ambos tenham muitas cidades médias. Não é a Espanha. Tem dois países que são importantíssimos para esse equilíbrio regional, a Alemanha em primeiro lugar. Mesmo que Berlim seja uma cidade gigante, uma cidade muito importante, você tem uma rede urbana muito equilibrada. Um outro país é a Holanda, embora menor, também é extremamente equilibrada. Alguns países ali, como a Áustria e outros dessa região da Europa Central, talvez a Bélgica também, não tenho estudos, mas da Alemanha eu já vi referências específicas sobre. Então para encerrar, eu diria que o que garante a persistência dos estudos de cidades médias, pode até mudar o nome, se chamar intermédias, ou como alguns chamaram de cidade de equilíbrio, metrópoles de equilíbrio, como os franceses chamaram também, para mim tem esse aspecto funcional que é básico. E por sinal ele se reflete na morfologia, evidentemente, tanto que, de acordo com os critérios que eu desenvolvi, se eu ver a morfologia de uma cidade eu vou levantar hipóteses de que ela é ou não uma cidade média. E se eu ver as funções de uma cidade, aí tenho que olhar o sítio também, posso levantar hipótese sobre a morfologia dessa cidade, porque existe uma correlação. Igual a gente, nós aprendemos na Geografia Física que o processo se projeta

na morfologia. Eu beirando os 80 anos tenho que ter uma morfologia, as mulheres, principalmente, mas os homens também cada vez mais, fazem plásticas para a morfologia não corresponder ao processo. Mas não adianta, no fim as duas coisas têm a ver. Mas para mim a questão fundamental é da justiça territorial, do equilíbrio territorial. Vocês podem ter certeza de que um país que tem muitas cidades médias é muito mais justo e equilibrado espacialmente, do que um país que tem uma perspectiva, de como a gente chamava, de uma cabeça só, monocefálica, um país que tem apenas uma cidade gigantesca, igual o autor de “Paris e o deserto francês²” chamou atenção.

Wagner: Essa ideia da justiça territorial que o senhor chamou atenção é muito interessante. Porque de fato acaba que as cidades passam a ter responsabilidades com o seu entorno.

Oswaldo: Se você concentra demais todos os recursos e equipamentos, você determina que aqueles outros territórios vão ser vassalos seus. Se você distribui equitativamente, você vai ter uma troca muito mais equilibrada.

Wagner: Muito bem, professor. Obrigado pela gentileza da entrevista. Obrigado pelo tempo gasto conosco aqui para homenagear a tese, mas também fazer um balanço, uma reflexão sobre os estudos atuais sobre cidades médias.

Oswaldo: Vamos esquecer essa coisa de homenagem, porque fica meio perigoso quando você está recebendo homenagem demais. Mas eu, independentemente disso, claro, você me convidou para falar de uma coisa que me interessa profundamente. E segunda coisa, que talvez possa ser até a primeira, é que hoje em dia as amizades que são forjadas na academia, claro que há muitas parcerias, mas as amizades verdadeiras são muito poucas. Então se você falasse comigo lá de Juiz de Fora, mandasse uma mensagem falando que viria aqui para conversarmos, eu dedicaria o mesmo tempo.

Wagner: Obrigado pela gentileza.

Recebido: 05.12.2023

Aceito: 09.02.2023

² Obra de Jean-François Gravier publicada em 1947.